

Teste de nervos no Estreito de Ormuz

Ao menos na letra do que foi assinado em 18 de junho, está vencido o prazo acertado entre Estados Unidos e Irã para um cessar-fogo na guerra iniciada em 28 de fevereiro, com ataques norte-americanos à República Islâmica, em ação coordenada com Israel. Tecnicamente, as partes não chegaram a entendimento sobre os 15 pontos listados no memorando de entendimento inicial. Em particular, segue o impasse no Estreito de Ormuz, vital para o mercado global de petróleo e gás.

Não por acaso, foi justamente ali que a frágil tregua foi rompida repetidamente, embora sem dar lugar a uma escalada aberta do conflito — até aqui. O Irã, aparentemente segurança sobre sua posição militar, assegura que está definindo com o vizinho Omã um novo modelo de administração do tráfego pela via marítima. Mas insiste que o estreito só será plenamente reaberto quando os EUA levantarem o bloqueio naval aos portos iranianos.

Quanto a Donald Trump, renova as ameaças de fazer valer o poderio bélico dos EUA. Sugere ao adversário que “acene com a bandeira branca” e promete bombardear o aliado Omã “até não sobrar nada”, caso se “intrometa”. Desta vez, no entanto, o regime islâmico passou das juras de revide para a advertência de que suas forças estariam “prontas para atacar”.

No pano de fundo das expectativas pela sequência da crise no Oriente Médio, ao menos dois fatores assomam e, em certa medida, se entrelaçam.

Um deles são sinais de que a capacidade ofensiva e defensiva das forças norte-americanas estaria comprometida, após quase

seis meses de guerra e com bases de apoio distribuídas entre os aliados na região duramente atingidas por contra-ataques. Um indicador foi a decisão de retirar da área o porta-aviões Abraham Lincoln, onde o prolongado tempo de missão e as dificuldades crescentes de suprimento estariam minando a saúde mental da tripulação.

Outro, de alcance talvez mais longo, é o recém-anunciado pacto de defesa conjunta entre Arábia Saudita, Turquia e Paquistão. Ademais de terem um histórico de relações firmes com Washington, estão os três envolvidos de alguma maneira no imbróglio iraniano. Os dois últimos, em especial o governo paquistanês, têm atuado como mediadores. Quanto ao reino saudita, que vem de firmar com os EUA um acordo de cooperação nuclear, teve oportunidade para avaliar até que ponto pode continuar assentando a própria segurança exclusivamente sob o guarda-chuva dos EUA.

Os próximos dias e semanas, em particular para os envolvidos mais diretamente, serão o clássico teste de nervos que a linguagem comum resume na pergunta: quem pisca primeiro? Há quem faça suas apostas. Mas a crise fincada em um ponto crítico para a economia mundial diz respeito praticamente a todos — mesmo quem, como o Brasil, está distante da frente de batalha e dos espaços diplomáticos concorrentes.

Cada um, da própria perspectiva, acompanha os desdobramentos para ajustar seus cálculos e traçar planos de resposta a uma situação, por ora, imprevisível. Dos protagonistas, o possível é esperar que se movimentem com nervos de aço e senso de responsabilidade.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

O Ministério de dor da Menina

O que sei sobre ela vem de excertos das redes sociais. Como jamais a entrevistei nem apurei as informações publicadas, só posso dizer, com maior grau de certeza, que se chama Lusimar Augustinho da Silva. O CPF descrito no perfil do Instagram —, que também é a chave do pix por onde recebe doações — está cadastrado neste nome. Uma rápida busca em indexadores de processos judiciais mostra que ela é citada em 30 ações. A mais recente, de 13 de agosto, quando Lusimar, mais conhecida como “A menina”, foi presa em flagrante no Setor Hoteleiro Norte, suspeita de injúria racial.

A prisão da Menina comoveu seus milhares de seguidores. Ela chegou a ter uma conta verificada com mais de 92 mil usuários inscritos, que foi desativada. Hoje, um segundo perfil atribuído a Lusimar é acompanhado por 23 mil pessoas. Nele, é postado o tipo de conteúdo que a fez famosa: vídeos em que xinga outros “influenciadores” ou cidadãos perseguidos por ela nas ruas e dentro de comércios. Geralmente, as ofensas envolvem racismo, homofobia e alegações sobre características físicas.

A mulher também acusa desconhecidos de roubos milionários, esquemas envolvendo agências de espionagem e determina “castigos” — noutro dia, até um gatinho que passeava na jardineira da varanda foi “castigado” (ela não faz nada, as tais penalidades são no âmbito espiritual da igreja que Lusimar criou, o Ministério Etrom, ou morte ao contrário).

É tentador pensar que a Menina foi um personagem bem construído para Lusimar ganhar a vida como tantos outros têm feito por aí: sendo “influencer”. Ela viaja pra cima e pra baixo, tem smartphone,

roupas, dorme em hotéis, come e faz compras, tudo com as doações dos seguidores. É evidentemente uma pessoa que recebeu educação formal: fala o português corretamente e, se for mesmo ela quem posta e legenda os vídeos, é boa em gramática, ortografia e pontuação.

Também percebe-se um apurado senso marqueteiro. Lusimar com certeza sabe que os vídeos com maior engajamento são aqueles em que sai xingando as pessoas na rua. Eu me envergonho de admitir: já ri de algumas situações, e também já pensei que, se fosse eu a vítima, teria vontade de dar-lhe uns bons tapas.

Acontece que, se for mesmo verdade o que se diz sobre ela, Lusimar sofre de esquizofrenia não tratada. Há relatos de interações involuntárias, das quais teria fugido. A terapia da Menina parece ser a rede social. Claramente, não está funcionando.

Se Lusimar realmente acredita que todas as pessoas que passam por perto estão tramando contra ela, é de se imaginar um sofrimento psíquico intenso. Conheci um homem cuja esposa morreu por suicídio: ela acreditava ser perseguida pela apresentadora de televisão e, para fugir, pulou a janela. A gente pode até já ter dado uma risadinha nos vídeos de Lusimar. Mas não há nada engraçado na esquizofrenia.

Como disse no início deste texto, sei muito pouco sobre Lusimar Augustinho da Silva. Na cobertura de saúde há 16 anos, sei um pouco mais sobre doenças mentais. O tratamento digno e adequado pode tirar dela o peso de um transtorno gravíssimo que, porém, é controlável, permitindo ao paciente a qualidade de vida que todos merecem. É essa história que eu gostaria de ver a Menina contar.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Respeito por Brasília

Os candidatos aos cargos públicos do Distrito Federal precisam apresentar propostas concretas para a segurança e a ordem urbana. A situação no final da Asa Norte merece atenção especial, pois afeta moradores, comerciantes, visitantes e a própria imagem da capital da República. Brasília foi construída pelo esforço de brasileiros vindos de todas as regiões do País. Milhares deixaram suas cidades, familiares e antigas rotinas para construir aqui uma nova vida. Esses cidadãos ajudaram a desenvolver a capital, pagam seus impostos e têm direito a segurança, tranquilidade e espaços públicos bem cuidados. A vulnerabilidade social deve ser enfrentada com políticas públicas humanas, permanentes e eficientes. A criminalidade, por sua vez, precisa ser combatida com firmeza, dentro da lei. Não se pode confundir assistência às pessoas vulneráveis com tolerância a atos que prejudiquem moradores e comerciantes. Polícia, assistência social, saúde e demais órgãos do GDF precisam atuar conjuntamente. Não basta transferir os problemas de uma região para outra. É necessário recuperar os espaços públicos e garantir condições adequadas de convivência. Em período eleitoral, o cidadão precisa conhecer propostas objetivas, prazos e compromissos. Que soluções os candidatos apresentam para o final da Asa Norte e outras áreas com problemas semelhantes? Quem pretende governar o Distrito Federal precisa respeitar quem escolheu Brasília para viver.

» **João Coelho Vítola,**
Asa Norte

Incômodo

O Brasil está causando incômodo, em especial a países monopolistas, como os EUA. Esse incômodo provém de tratativas do Brasil com outros mercados. É o caso de China, Coreia do Sul, da Noruega e de outros. Estes países desejam e se apresentam como parceiros em acordos bilaterais, como o Mercosul. O acordo com a União Europeia (UE), embora importante, passa ser menos crucial, tendo em vista aos acordos que emergem. Está claro e evidente que se faz necessário uma mudança de atitude de Argentina, Paraguai e Uruguai, que ainda estão reticentes com relação ao caso. Queira Deus que os acordos frutifiquem e resolvam o comércio da América do Sul e do mundo.

» **Enedino Corrêa da Silva,**
Asa Sul

Ideologia mortal

Mesmo com milhares de colombianos ainda soterrados sob os escombros e com o tempo correndo contra a vida de seus concidadãos, o presidente de extrema-direita da Colômbia, Abelardo de la Espriella, rejeitou ajuda internacional. Além de demorar a aceitar auxílio, autorizou apenas a atuação de quatro países: Estados Unidos, Israel, Equador e El Salvador, todos alinhados a princípios da extrema-direita. Em uma tragédia dessa dimensão, a prioridade deveria ser salvar vidas. Inevitavelmente, isso trouxe à memória nosso nefasto ex-governo diante da inação ante a covid-19. Diante da urgência, cada minuto perdido pode significar uma vida perdida.

» **Marcus Aurélio de Carvalho,**
Santos (SP)

O papel do Estado

Em *A Oligarquia dos Poderes e a crise da democracia* (2026), de Joaquim Falcão, desenvolve-se a tese de que um dos principais conflitos políticos brasileiros estaria na tensão entre democracia

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Trump busca retomar a doutrina Monroe para atender aos seus interesses, distorcendo seu lema para ‘América para os norte americanos’ e não ‘Americanos’.

Sylvio Belém — Recife

Axé, amém, shalom, namastê, aleluia, hare krishna. Não importa a religião: em ano eleitoral, político frequenta igreja, templo, terreiro, mesquita e sinagoga. Vale tudo.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

É preciso alertar ao candidato a deputado federal pelo estado de São Paulo que as cadeiras do Plenário Ulysses Guimarães e as das Comissões Permanentes da Câmara dos Deputados são fixas.

Jadir Maia de Almeida — Guará I

Erramos

Diferentemente do publicado na página 15 do caderno de Cidades, na edição de 17/8/2026, o crédito da foto da candidata Samara Mineiro, do partido UP, é Divulgação/Donavan Sampaio, e não Ed Alves/CB/D.A Press. Na mesma reportagem, atribuímos à candidata a seguinte fala: “Hoje, 1,17 bilhão de pessoas esperam mais de dois anos por uma consulta.” O correto é: “Hoje, 1,17 milhão de pessoas esperam mais de dois anos por uma consulta.”

e oligarquia. Sob essa perspectiva, mais importante do que a posição ideológica de quem exerce o poder é observar como ele é exercido, distribuído, limitado e submetido ao controle democrático. O papel do Estado consiste em criar condições institucionais para que a sociedade possa se desenvolver com liberdade, justiça, segurança e igualdade de oportunidades, garantindo direitos fundamentais e oferecendo serviços públicos essenciais. Cabe-lhe estabelecer regras transparentes, assegurar o cumprimento das leis, preservar o equilíbrio entre os Poderes, combater privilégios e corrigir desigualdades que comprometem a cidadania. Na economia, sua atuação deve favorecer um ambiente capaz de estimular investimento, produtividade, inovação e geração de trabalho e renda, sem perder de vista a proteção social e o interesse coletivo. Um Estado eficiente se mede pela qualidade de suas instituições e pela capacidade de transformar recursos públicos em desenvolvimento e bem-estar social.

» **Marcos Fabrício,**
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	(promocional)
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br